

Entrevista à Revista “Fórum & Cidadania” de Dezembro de 2010

Escrito por JFL

Sexta, 25 Fevereiro 2011 16:32



Junta de Freguesia
Loureiro

“Uma Junta de Freguesia tem de se reinventar e estar em constante mutação”



Rui Luzes Cabral,
presidente da JF Loureiro

Rui Luzes Cabral, natural da freguesia de Loureiro, conselho de Oliveira de Azeméis é um jovem presidente, que abre uma página de mudança na história do poder local da freguesia. Na primeira vez que enfrentou o escrutínio, saiu derrotado, mas à segunda tentativa saiu vencedor, sobrepondo-se a mais de três décadas lideradas sempre por um mesmo partido.

Servir a sua comunidade e aproximá-la e fazer obras que há muito se espera é a grande bandeira para este primeiro mandato.

Quando começou a pensar na sua candidatura à Junta de Freguesia de Loureiro?

Rui Luzes Cabral (RLC) – Eu concorri à Junta de Freguesia de Loureiro, porque sou natural daqui e nem sequer me conseguiria ver a concorrer a qualquer outra junta de freguesia. Não sentiria qualquer motivação. Concorri à freguesia de Loureiro porque gosto mesmo disto e porque pretendo ajudar a freguesia. Portanto, este actual executivo vai ajudar a mudar a freguesia um bocadinho.

Desde o 25 de Abril de 1974, que tivemos na freguesia sempre o mesmo partido. Nós fomos a mudança. No meu caso, confesso que possivelmente ao fim de dois mandatos, a título de exemplo, posso não ter a motivação que tinha nos primeiros tempos. Nós temos o nosso cunho pessoal e depois, passado algum tempo, já não temos forma de inovar, por pensarmos que já mudamos tudo. O povo até pode gostar de nós e poderemos ficar mais que dois mandatos, mas não muito mais, pois ao fim de dois ou três mandatos estamos completamente esgotados.

É preciso entrar gente nova, do mesmo partido ou até o ideal seria vir outro partido, para vir com novas ideias. Podemos correr o risco de que quem vier não seja tão dinâmico, mas faz parte do jogo. Agora ‘mais do mesmo’ é que não.

Para nós esta foi uma, senão a grande vitória, mas teremos sempre essa consciência, tudo isto se trata de um serviço que se presta. Há muitos presidentes de Junta que pensam que a Junta é a casa deles e que não podem perde-la para ninguém, mas não tenho esse entendimento. A Junta não é minha, para dar um exemplo, é como quem aluga um carro, no final do dia tem de se entregar o carro, com tudo em condições. Aqui é a mesmíssima coisa. Nós daremos o nosso melhor, de consciência tranquila, e na ordem de trabalhos seremos cautelosos nos gastos. Aliás, se todos tivessem esse discernimento acerca do poder político, certamente que não existiria tanto défice no país e tantas dívidas nas autarquias.

Mas temos casos de municípios com endividamento gritante?

RLC – Se há... E não são simples empréstimos bancários. Há juntas com 300, 400 mil euros ou mais de dívida, porque nem se sempre se contabiliza as dívidas aos empreiteiros. Mas na realidade as dívidas existem e têm que ser pagas. Porque ao alcatroar uma rua, que se calhar deveria ser a câmara a fazer, em período de eleições, põe-se por vezes em causa a gestão de uma junta de freguesia dum mandato. O que é horrível. Tem que haver consciência até onde se pode ir.

Sendo o primeiro mandato, este acaba por ser o vosso ano zero em que se dedicam essencialmente a estudar o estado da freguesia, no entanto, já tiveram oportunidade de fazer alguma coisa?

RLC – Já se fizeram muitas actividades e algumas intervenções que esperavam há anos. Já fomos mudando algumas rotinas e procedimentos, desde logo a própria gestão e até, a lógica das festas da própria freguesia. Antes existia aqui uma festa, onde se oferecia literalmente sardinhas, fêveras, vinho... Chegavam a vir pessoas de outras freguesias para a dita festa, mas esse era o entendimento da antiga junta. Já quando estávamos na oposição, éramos literalmente contra e falávamos nisso. Portanto, este ano fizemos uma adaptação, realizando uma feira gastronómica, uma festa mais abrangente, onde as associações vendem os seus próprios alimentos e onde a junta deixou de ter custos e as pessoas e suas associações passaram a ter benefícios. Uma medida simples de gestão, que foi bem encarada. Cortou-se também com algumas prestações de serviços que nada acrescentavam ao funcionamento da junta, para que se tenha noção e falando em números, neste primeiro ano poupou-se cerca de 30 mil euros o que é muito bom para o orçamento que dispomos. Inclusive, com essa poupança conseguimos pavimentar uma rua que precisava ser pavimentada já há dez anos. Se bem que muitas das coisas que a Câmara devia fazer ou delegar, somos nós que as fazemos, o que é muito negativo! Investimos também na escola primária, outra situação que devia ter sido investimento da Câmara, mas tínhamos consciência de que se não o fizéssemos a Câmara também não o ia fazer e quem iria sofrer era toda a comunidade escolar. Há presidentes de junta que dizem que nas escolas não gastam um euro, nós não entendemos assim, entendemos que é um investimento que deve ser feito porque não vai servir para beneficiar a Câmara ou a Junta, mas sim a comunidade. Claro que há coisas que só a Câmara pode fazer e eles têm consciência destas situações. Estou convicto que nos hão de compensar de outra forma. Temos de ser uns para os outros, apesar de termos ideias políticas divergentes.

A freguesia tem ajudado a câmara municipal de Oliveira de Azeméis no

Entrevista à Revista “Fórum & Cidadania” de Dezembro de 2010

Escrito por JFL

Sexta, 25 Fevereiro 2011 16:32

Escrito por JFL

Sexta, 25 Fevereiro 2011 16:32

que toca à candidatura para a construção de uma zona industrial. Também a CCDRN quer apostar nesta zona já que está perto da A1 e da A29, o objectivo é torná-la uma plataforma industrial muito grande do Norte, por isso entre 2011 ou 2012 o projecto arrancará. Vai ser bom para impulsionar a freguesia de Loureiro. Este projecto já existia desde dos inícios da década de 1980, mas nunca passou do papel. Demorou muito tempo é certo, mas esperamos que agora seja uma realidade e que se crie este projecto de grande envergadura de raiz.

Temos outra infra-estrutura na freguesia que prevemos alterar, a zona destinada ao mercado semanal, que em termos de freguesias do concelho é a única a possuir um mercado semanal. Actualmente não é um mercado, mais parece uma feira, um amontoado de barracas que já não tem condições e, como é óbvio, vão-se perdendo clientes. Tem de haver uma revitalização do largo e construir-se uma infra-estrutura que funcione como mercado às quintas-feiras de manhã e que no resto do tempo dê para ser utilizado para outros fins, como uma feira de artesanato por exemplo. Um local, onde possam existir algumas lojas, que a junta possa alugar, obtendo algumas receitas. Neste momento uma arquitecta da câmara está a estudar o espaço para que se avance com esse projecto. Esta ideia já vem de há muitos anos, mas nunca houve coragem para pô-la em prática. No início do ano iremos inaugurar um mini-ecocentro, que foi uma ideia nossa. Não é um ecocentro inter-municipal, dirige-se apenas à nossa população. É uma plataforma devidamente dividida em que vai dar para receber restos agrícolas, monos, entulhos, relva, etc. Como esta é uma zona agrícola e florestal, as pessoas põem os seus lixos nos caminhos florestais ou em sítios escondidos. Assim, vamos mostrar às pessoas que dispõem dum local indicado para colocar os seus lixos agrícolas em Loureiro. Uma junta de freguesia tem de se reinventar e estar em constante mutação.

Mas os principais projectos que vamos ajudar a intervir são a infra-estruturação da zona industrial, a conclusão do abastecimento de água, o saneamento, a revitalização da zona do Penedo, a pavimentação e alargamentos em vários pontos da freguesia e a revitalização da zona do mercado. Depois, tentaremos beneficiar os largos, lavadouros e fontes, assim como o levantamento da parte cultural e patrimonial da freguesia.

Qual o papel das associações neste momento na freguesia?

RLC – Durante muitos anos as associações viveram muito dependentes das Câmaras Municipais e gastaram-se milhões nesses apoios. As associações são precisas mas não podem apenas pedir, também têm de contribuir e cada vez é mais complicado subsidiá-las. É uma situação delicada, mas tentaremos criar actividades que as possam ajudar a se auto-financiarem. Nós não lhes podemos dar muito dinheiro, como temos dez associações teríamos que dar-lhes o mesmo valor e isso seria incomportável.

Na questão social, como está a freguesia? Há desemprego, há dificuldades?

RLC – Não é uma freguesia muito problemática nesse aspecto, mas temos vários casos a necessitarem de apoio. Logo nos primeiros meses de mandato criámos a Comissão Social de Freguesia, que agrupa várias instituições sociais que já existe, ou seja, foi criada pelo actual executivo há poucos meses e através dela estamos a tornar realidade uma Casa Social. A casa já existe, pertence à paróquia e já está autorizada a ser utilizada para esse fim. Numa primeira fase vamos tratar de arranjar recursos, quem quiser poderá ir lá entregar ou receber roupa, mobiliário, calçado, brinquedos, alimentos. Estarão lá sempre voluntários para este serviço comunitário. Numa segunda fase, prevemos disponibilizar alguns

serviços de saúde, nada de muito complexo, mas o básico, como por exemplo uma enfermeira voluntária que uma vez por semana vá lá umas horas para medir tensões, dar algum tipo de aconselhamento, mesmo às pessoas mais carenciadas, sobretudo em relação às crianças e sua higiene diária. Bem sei que são dados que tomamos como adquiridos, mas que algumas pessoas têm dificuldade em compreender. Precisávamos de habitação social, porque ainda temos alguns casos complicados, mas encontram-se já sinalizados e estão a ser acompanhados pela Comissão Social de Freguesia.

No vosso espaço virtual, apercebi-me do esforço que fazem em apoiar os agricultores. De que forma o fazem?

RLC – Nesse aspecto, considero que chegámos um bocado tarde... A agricultura sofreu nos últimos 10 ou 15 anos um descrédito tão grande, criaram-se tantas dificuldades aos agricultores que eles acabaram por se ver obrigados a abandonar a agricultura. Neste momento, existe cerca de meia dúzia de agricultores, mas também eles sentem muitas dificuldades. A nossa esperança é que alguns agricultores se dediquem mais ao sector, ou pelo menos em pequenos sectores de pequenas culturas. Nesse sentido, criámos um gabinete que presta auxílio aos agricultores. Uma vez por semana, um engenheiro zootécnico disponibiliza-se a vir à junta para auxiliar todos os interessados no sector agrícola. Para já, é esse o nosso contributo.

Para a freguesia deseja uma cada vez maior proximidade entre o executivo e a população para que sejam parceiros num objectivo comum – Loureiro. É essa a sua mensagem de Natal e de final de ano?

RLC – Sim, a mensagem de Natal acaba por ser um conjunto de desejos, dos quais fazem parte aquelas palavras bonitas e que pouco divergem de ano para ano, que toda a gente tenha emprego, que não passe por dificuldades e no fundo, que todos sejam mais felizes. Relativamente à freguesia, a mensagem de Natal só pode ser de compromisso, não só do executivo da junta para com a freguesia, mas também no sentido de desenvolver nas pessoas esse comprometimento connosco para que haja uma maior proximidade de ambas as partes. Tenho tentado entrar por esse caminho e acho que estou a conseguir. Estou sempre com a população, gosto de muito de ouvir as pessoas, e atendo-as sempre, independentemente do horário normal de atendimento, porque nós se estamos aqui é para servir as pessoas. Portanto, aos Loureirenses desejo um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo 2011.

E no sapatinho desejava algum presente em especial?

RLC – No sapatinho queria que uma nova reforma administrativa entrasse em vigor. Há aspectos que têm que ser ainda bem ponderados e discutidos, mas talvez fosse a maneira de fazer com que o país subisse a outro patamar. E, isso passa pela criação das Regiões Administrativas, extinção dos Governos Civis, extinção de todas as Juntas de Freguesia (que é diferente de freguesia) em sede de concelho e agrupamento de outras de reduzido número de eleitores. Também os concelhos pequenos devem ser extintos, excepto alguns do interior que coloquem em causa a desertificação ou a perda da pouca massa crítica que já dispõem. Muito importante, crucial, para a afirmação democrática das autarquias locais é legislar-se no sentido de uma maior independência Juntas / Câmaras Municipais, definindo e descentralizando mais e novas competências. Se assim não for, “puxam” uns para cada lado. Os presidentes de junta tem de deixar de andar de mão estendida e, grande parte das vezes, sujeitos aos apetites dos executivos municipais. São urgentes e necessárias regras mais claras e objectivas. Estamos no século XXI.



Sede da Junta, Banco e Posto Médico



Zona Central da Freguesia. Largo de Alumieira

Entrevista à Revista “Fórum & Cidadania” de Dezembro de 2010

Escrito por JFL

Sexta, 25 Fevereiro 2011 16:32
